

Favelados só querem mudar para novo lar

Os caminhões continuam a desembarcar em ritmo acelerado em Samambaia. É evidente a satisfação dos ex-invasores, que chegam sem reclamações. A coordenadora do assentamento, Julimar Camargo, orgulha-se em dizer que “depois de conhecerem o local, muitos que mantêm resistência em abandonar as favelas, nos procuram com o desejo de ocupar de imediato seus lotes”.

Uma conversa com os novos moradores sustenta a tese de Julimar. A alegria de ganhar um lote não é maculada nem mesmo pela noite de frio, resultado do atraso na liberação da planta do barraco, o que obrigou Elivanice Facundo a proteger-se com uma lona de plástico. O pequeno cômodo, que alugava por NCz\$ 20,00 na Vila Parafuso, feito de papelão, ainda sustenta uma imagem triste, que comparada a sua atual residência, faz a vida revestir-se de bom humor: “Quase virei picolé, mas depois que eu levantar a casa as coisas melhoram”.

Francisco de Assis Nascimento, que deixou 10 anos de sua vida em um barraco do Setor de Indústria, consegue encontrar inspiração em Samambaia: “Morava no sufoco, de aluguel. Aqui eu encontro espaço e tudo fica mais bonito”. E as visitas aos que desembarcam as latas e demais apetrechos utilizados como móveis são norteadas pela alegria da casa própria.

Os moradores mais antigos, no entanto, já começam a fazer ressalvas. Satisfeito o sonho do fim da pecha de “invasor”, Elson Alves da

Cunha, cinco anos de Vila Xavier e cinco meses de Samambaia, já não demonstra tanta convicção ao falar da satisfação da nova casa: “O problema é a distância. Tenho que pegar dois ônibus para trabalhar”. Diz. Maria de Lourdes, sua esposa, tem outras reclamações: “Falta uma creche para a gente deixar os filhos para poder trabalhar. Os tijolos que prometeram dar, até agora também não vimos”, fala.

Se comparadas às antigas condições de vida dos favelados, Samambaia deve ser vista com bons olhos. As fossas abertas ficaram para trás, as casas de 50 metros quadrados foram trocadas por outras de 200 metros quadrados. A luz é fornecida pela CEB, tanto nas ruas, como nos barracos. A água é encontrada em abundância nos 23 chafarizes espalhados pela quadras.

Mas isso não basta. O saneamento básico, entenda-se principalmente rede de água e esgotos, deve ser considerado como um dos fatores estruturais do processo de ocupação. Luis Alberto Cordeiro, do Conselho Deliberativo do Núcleo de Estudos Ambientais, é outro a reforçar a tese. Em um trabalho publicado no livro “Brasília, Ideologia e Realidade — Espaço Urbano em Questão”, ele faz diversas considerações entre as quais a que demonstra o aumento dos custos do saneamento quando a ocupação precede a montagem da infra-estrutura necessária. Aqueles que hoje se satisfazem com a mudança, em pouco tempo estarão reivindicando melhorias na cidade.